

Os (bons) efeitos da crise

LUIZ ADOLFO PINHEIRO

Da Editoria de Opinião

Com o pão francês a 24 cruzeiros, a gasolina a 353 e uma inflação de 160 por cento ao ano, pode parecer brincadeira de mau gosto dizer que a atual crise é benéfica ao Brasil. A verdade, entretanto, é que ela veio na hora certa - se é que não chegou tarde.

O brutal encarecimento do petróleo importado já nos deu duas boas consequências: o aumento da produção de óleo nacional pela Petrobrás, a níveis nunca antes alcançados e o desenvolvimento do Programa Nacional do Álcool, resposta brasileira ao problema do combustível.

Se a Opep resolvesse amanhã elevar o preço do petróleo para 50 dólares o barril, a gasolina iria disparar mais uma vez, mas, em compensação, o Brasil, em curtíssimo prazo, ficaria livre da importação de óleo, enquanto a produção nacional e mais o Proálcool tornariam o país auto-suficiente em combustível desse tipo para o resto da vida.

Outra consequência positiva da crise: pela primeira vez na História, a educação vai se tornar, realmente, uma prioridade nacional a partir de 1984 e anos vindouros. Motivo: a crise está sufocando a classe média, que não tem mais condições de continuar mantendo seus filhos nos colégios particulares. Já começou, timidamente, a debandada da escola privada para a pública. Esse movimento vai se acelerar, a partir de 84. E com o aumento da pressão sobre o ensino público, finalmente o Governo terá de se curvar ante a evidência de que o orçamento do MEC terá de ser substancialmente elevado. Pois a pressão política da classe média é imensa no Brasil. Ela fez a Revolução de 30 e a de 64. E pode fazer outra, se ficar muito irritada, comprimida e sem espaço para se expandir.

Citei dois efeitos positivos da crise econômica que avassala o país para que fique claro a nossa situação difícil, mas, ao mesmo

tempo, privilegiada em termos de saídas a médio e a longo prazos.

A atual crise faz, para o Brasil, o mesmo efeito que as duas guerras mundiais deste século fizeram para a Europa. Uma guerra é a pior tragédia humana, com sua seqüela de mortos, feridos, viúvos, órfãos e aleijados. Sem falar na destruição material. Mas mesmo esse flagelo traz consequências favoráveis para as nações, depois de passada a hecatombe.

A Alemanha, hoje dividida em Ocidental e Oriental, terminou a guerra em ruínas. Hoje a RFA é a nação mais próspera da Europa e a RDA a mais avançada da Europa Oriental. O Brasil mandou tropas para ajudar a derrotá-la. Hoje, é uma das muitas nações devedoras da Alemanha Ocidental. E assim por diante.

Tome-se o caso da guerra das Malvinas. A Argentina saiu derrotada militarmente e perdeu milhares de seus filhos, muitos mortos, muitos feridos. A principal consequência positiva da guerra está sendo a derrubada pacífica

Economia - Brasil

da ditadura militar. A Argentina tem encontro com a democracia, a 30 de outubro. E duvido que as Forças Armadas tenham moral para um dia retornar ao poder, depois da aventura e da derrota para os britânicos.

A mentalidade catastrófica que se alastrou pelo Brasil no auge da presente situação angustiante não tem razão de ser. Para uma nação jovem como a nossa, a crise é uma espécie de sarampo ou gripe violenta que pega um adolescente, joga-o na cama com febre alta e convulsões, mas depois passa, deixando um organismo dotado de anticorpos.

Por outro lado, tem o Estado muitos recursos para atenuar ou até resolver as consequências negativas da crise. Basta reexaminar a forma como se gasta o dinheiro público. E redirecionar as prioridades nacionais. Tudo feito muito às claras, com um sério diálogo nacional e no clima de mais ampla liberdade e de respeito aos direitos individuais e sociais do cidadão.

